

Experiência e trajetória de jovens negros diferentes narrativas sobre masculinidade no subúrbio ferroviário de Salvador

Cristiane Santos Souza

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8814476853305554>

O texto a seguir é a transcrição adaptada de uma palestra proferida por Cristiane Santos Souza em 19.05.2014

O convite que me foi feito para está aqui hoje foi uma bela surpresa e interessante porque me fez retomar um trabalho que realizei em parceria com outras pessoas em 2005. Olhar novamente para esse material me fez enxergar uma série de coisas que em 2005, 2006, quando eu estava mergulhada nesse material, não me saltaram aos olhos. Então eu acho que quando a gente se afasta um pouco do volume de material que a gente produz nas nossas pesquisas a tendência é que a gente enxergue de outra forma e veja outras coisas. Nesse sentido, foi um prazer, inclusive ter esse novo encontro com esse material e pensar, rememorar a experiência vivida em parceria com aqueles jovens e com as pessoas que eram meus parceiros naquele momento.

Essa apresentação foi pensada com a perspectiva de estabelecer um diálogo, contar a história desse projeto; então, eu não vou entrar em discussões mais analíticas sobre as categorias que acessamos para nortear o trabalho. Eu gostaria de dizer para vocês como cheguei até esse projeto, como foi pensado, qual o caminho que eu percorri para montar e chegar na proposta da pesquisa que foi realizada naquele momento. Em linhas gerais, o percurso me levou até essa pesquisa a partir do meu trabalho de mestrado em Antropologia Social, no qual estudei a percepção e produção estética do espaço no bairro de Novos Alagados. Eu percebi naquele momento um conjunto de aspectos que configuravam a história e a experiência de vida das pessoas que residiam ali, uma experiência marcada pela precariedade, pela vulnerabilidade social, e, principalmente, no que se refere à vulnerabilidade social, a forte presença de uma ação violenta por parte da polícia, que atingia ou tocava muito fortemente os rapazes que viviam ali, os jovens negros que moravam naquele bairro, mas não apenas de Novos Alagados, se estendia por todo o território de Plataforma.

Conclui o trabalho do mestrado com um conjunto de inquietações que me perturbavam muito, principalmente, essa questão da violência com os jovens. Então me coloquei o desafio de pensar um trabalho que pudesse articular efetivamente a pesquisa

acadêmica com uma ação de extensão, intervenção. A minha ideia era continuar mantendo minha relação com as pessoas com as quais eu já tinha estabelecido vínculo e abrir outra rede de articulação, de relação com os jovens a partir de outro trabalho que pudesse estabelecer um diálogo e nos ajudar a entender aquela vida marcada fortemente pela violência. Uma questão que me tocava era perceber a forma como essa relação ou a experiência marcada pela violência se dava de forma diferente entre os rapazes e as moças ou entre os homens e as mulheres, ou melhor, como essa experiência cotidiana de violência atravessava a vida, a experiência das pessoas, homens e mulheres de forma distinta. Para mim, era interessante perceber como aquilo tocava a experiência dos rapazes.

No encontro passado, a professora Ana Alice deve ter discutido como o campo dos estudos de gênero no Brasil se constituiu muito fortemente marcado pelo debate, pelos questionamentos do Movimento Feminista, e que abriu um campo nos estudos sobre mulher e depois disso todo um debate, uma discussão interna no campo que fez com que a gente pensasse em termos de produção social do gênero. Na década de 1980 isso vai marcar uma série de ações e estudos e de novas reflexões, porém uma coisa que eu sentia falta no final da década de 1980 e meados da década de 1990 eram estudos que se debruçassem sobre o lugar dos homens nessa relação, o outro lugar que não fosse só a luz da ideia de que os homens eram sempre os algozes. Eu queria perceber como eles eram afetados e vitimizados por um modelo de masculinidade que se queria e que se colocava como hegemônica. Isso me fez construir e estabelecer uma relação para pensar a produção da identidade masculina, ou melhor dizendo, as diferentes masculinidades masculinas, e essa ideia de multiplicidade de masculinidade a gente vai amadurecendo ao longo do projeto e ao logo das reflexões que fomos fazendo do contato com as leituras e com as questões que foram surgindo naquele momento.

Foi com esse espírito que, em 2005, eu e mais alguns parceiros de trabalhos, de diferentes áreas do conhecimento – uma equipe formada por Antropólogos, Historiadores, Pedagogos, Psicólogos, Geógrafos – nos sentamos e encaminhamos esse projeto de trabalho que tinha os dois eixos: uma pesquisa acadêmica analítica que pudesse contribuir com as discussões no campo dos estudos de gênero e ao mesmo tempo uma ação, uma pesquisa, um trabalho de extensão, de intervenção. Era essa estratégia metodológica que naquele momento a gente estava estabelecendo para poder se aproximar dessa experiência, do sujeito que saiu do olhar que se pautava nos estudos sobre violência e juventude, que estava muito pautado por um olhar macro analítico, com o peso das grandes análises, das estatísticas. Mas nós não queríamos apenas olhar para aquela realidade apoiados nos estudos estatísticos;

a gente queria produzir outro olhar, se aproximar da experiência dos sujeitos, ouvir os jovens e entender como eles pensavam a realidade social na qual eles estavam inseridos. Assim, a estratégia foi montar um grupo focal de jovens que pudesse estar ao longo de um tempo se reunido e discutindo as questões que atravessavam essa relação, que a gente estava estabelecendo ali, entre a produção de identidade de gênero, no caso, masculinidade e violência no campo dos estudos de juventudes. Na época, distribuímos cartazes para divulgar nos bairros que constituíam Plataforma, para sensibilizar os jovens que por ventura tivessem interesse em participar desse trabalho. Era um trabalho de longo tempo, um ano com encontros regulares.

Então, a ideia do projeto Ações de Pesquisas e Intervenções na Região no Território de Plataforma foi resultado das minhas inquietações que nasceram do Projeto de Mestrado sobre Percepções e Produção Estética do Bairro de Novos Alagados, centrado na percepção da vulnerabilidade social presente na região dos altos índices de violência que marcaram a realidade daquele bairro, mas não só daquele bairro, de diversos bairros de Salvador e do Brasil. A literatura me mostrava isso e no meu cotidiano de trabalho ficava muito evidente a violência como um processo sociocultural. A literatura que se prende nas macroestruturas muitas vezes dificultam a percepção da mabeabilidade da própria violência e das diversas formas de violência. Então era importante, já que o objetivo era entender, articulando as relações cotidianas e os processos sociais mais amplos, o processo social, fazendo uma discussão pensando num diálogo com a história, que é processo, é transformação, é construção. Então a violência, como fenômeno social também é dinâmica.

Os homens ocupam o primeiro lugar entre os agressores de mulheres e de outros homens; isso a estatística, infelizmente, registra. A socialização na qual estão inseridos os homens desde a primeira infância introduzem e reafirmam modelos de masculinidades marcados pela dominação e pela violência, e que para ser um homem com H maiúsculo é necessário combater e eliminar características que poderiam ser associadas a mulheres e aos gays e isso ficou muito forte naquele momento. Importante lembrar que a gente está falando de 2005 e 2006, que foi o período que tivemos contato direto, ouvindo e registrando as narrativas e as experiências dos jovens.

A nossa perspectiva em torno do que seria produção da identidade era pensar identidade enquanto processo, dinâmica, relacional, fluída, pois a identidade não é uma coisa fixa, mas infelizmente os estudos que se debruçam sobre o tema tem uma preocupação em pensar a produção das identidades ainda de forma fixa e aprisionadora. Você é homem. Você é mulher. Você é professor. Somos muitas

coisas, existem várias formas de ser homem, existem várias formas de ser mulher, existem várias formas de ser professor. Então, estávamos ali problematizando essa fixidez da noção de identidade, o gênero da mesma forma, articulado, como essa ideia foi pensada, discutida e trabalhada, entendida como processo histórico, construído e reconstruído a todo o momento.

Esse debate de gênero é um campo em disputa, são relações de poder sempre conflituosas. As masculinidades estão dentro desse campo de disputa e, por isso, pensar um modelo de masculinidade que está visualizando um tipo de conduta, de honra, de comportamento é pensar que essas condutas enquanto modelo estão no campo de disputa com outros modelos de conduta, com outras formas de ver o mundo. O que desejávamos era confrontar olhares e pensar as diferenças em relação às desigualdades, a simetria em relação à hierarquia. Pensar de forma verticalizada, pensar que existem formas que tem posições que são similares e que elas têm o seu lugar. Não existe uma melhor ou uma pior; era romper com essa construção da diferença que produz desigualdade, que produz hierarquia; era essa a nossa inquietação naquele momento.

Sempre nos nossos encontros a gente se percebia ou se colocava não só refletindo sobre o preconceito, o racismo, a intolerância, mas se colocando no exercício de subverter ou sair do lugar de quem olha para o outro e atua junto ao outro de forma preconceituosa, racista e intolerante. Nenhum de nós naquele momento, nenhum de nós aqui hoje estamos isentos da reprodução dessa ideia de relação que subverte a priori a desigualdade, o preconceito, o racismo, ou a intolerância. Precisamos estar atentos a isso e a ideia era trazer isso para o campo de discussão com aqueles jovens.

Nenhum conhecimento é neutro. Ele é produzido a partir de um ponto de vista; isso era uma verdade ou uma orientação que norteava as nossas ações, as nossas reflexões. Estávamos diante de grandes possibilidades de pensar o mundo, porque se eu olho nessa posição e me foco nesse lugar, eu vou ver um aspecto, um ângulo da realidade. Se eu me posiciono de outra forma, eu vou ver de outra maneira. É simples aparentemente, mas o esforço de produzir o deslocamento de uma posição para outra vai exigir que eu ultrapasse obstáculos; saia da zona de conforto; e nesse sentido exige-se um esforço. O mesmo em relação ao nosso pensamento e a nossa ação em relação a questões que são estritamente complexas e difíceis, a exemplo da produção ou da relação que a gente estabelece com nosso parceiro, com nosso companheiro, com o nosso vizinho, o nosso amigo(a). Então era isso que a gente estava tentando enquanto pesquisador, educador.

Tivemos alguns parceiros importantes. Na época, eu era professora da Universidade

Estadual de Feira de Santana, e o departamento de Filosofia foi fundamental para a inserção e aproximação junto aos jovens naquele momento. A parceria com o Núcleo de Psicologia da Bahia, a Paróquia de Plataforma, Ação Social da Paróquia São Brás, Cooperativa Educacional CoeQuilombo, que tinha um trabalho de formação com os jovens e sem eles a gente não teria conseguido construir os passos para chegar e compor o grupo dos jovens. A gente acompanhou a trajetória durante um ano, depois a gente finalizou o trabalho mais próximo deles.

O projeto que a gente organizou naquele momento tinha o desafio de atuar em diversas frentes, articulando diferentes noções, porque a gente compreendia que não podia olhar de forma isolada, exigia-se esforço e tempo. O projeto que a gente fez sofreu várias reformulações, nós repensamos o trabalho, fizemos as articulações com os parceiros, formação da equipe básica que estaria junto no acompanhamento do trabalho. A ideia inicial era trabalhar com vinte jovens e foram sessenta e um escritos, quarenta e três meninas e vinte e três meninos. Esse foi o primeiro problema que a gente enfrentou, pois, como um projeto que se propõe a pensar a produção da identidade masculina em relação à violência atraía um universo muito maior de mulheres e meninas do que de meninos. Essa foi a primeira dificuldade, primeiro desafio que a gente não podia negligenciar. Esses números sinalizavam para questões e passamos um longo tempo refletindo sobre isso com direito a divergências internas do ponto de vista do olhar de cada um de nós da equipe. Tínhamos jovens, psicólogos, sociólogos, antropólogos, historiadores e chegamos numa compreensão naquele momento que não havia como esconder esse dado. O grupo que foi selecionado refletia essa realidade que já aparecia no momento da inscrição.

O projeto não tinha estímulos outros naquele momento, além da vontade de sentar e discutir, depois criamos outros estímulos, mas não tinha bolsa nem alimentação, pois muitos projetos sociais acabam atraindo porque já no primeiro momento sinaliza para esses “benefícios”, mas nós não tínhamos e sinalizamos a priori algumas coisas, que fomos buscar depois, porque segurar um grupo durante um ano não é fácil, e a gente precisava fazer valer aquele interesse sinalizando pelas meninas. Finalizamos as atividades com dezoito jovens dos vinte; dois, ao longo do tempo, se afastaram do trabalho. Doze mulheres e seis homens, com faixa etária de 14 a 19 anos, a maioria entre 15 e 16 anos. Na autodeclaração étnicorracial dos participantes apareceram 15 negros, seguidos de 2 morenos e 1 mestiço. Mas no início do projeto os dados eram: 10 negros; 2 morenos; 1 amarelo e 6 não se identificaram.

Esse é um quadro que consta do relatório que encaminhamos para a Fundação

Carlos Chagas e a Fundação SOS Corpo. Os recursos para a realização desse trabalho foi fruto de um concurso que eu participei junto à Fundação Carlos Chagas e o SOS Corpo que financiavam projetos que tivessem o perfil e interesse de trabalho com gênero e jovens. Então, o projeto “Ações de Pesquisas e Intervenções na Região no Território de Plataforma” foi possível também porque eu dispus dos recursos dessa premiação.

A relação entre identidade étnica racial e o sexo homem x mulher é importante para a gente marcar a diferença entre o plano biológico do sexo e a construção social e cultural do gênero. Conforme vemos na tabela, cinco homens e dez mulheres se classificaram como negros, duas meninas se classificaram como morenas, e um rapaz que afirmou ser mestiço

tabela 2. Relação entre autoidentificação étnicorracial e sexo no final do projeto

Auto-classificação	Homens	Mulheres	Total
Negro(a)	5	10	15
Moreno(a)	0	2	2
Amarelo(a)	0	0	0
Mestiço(a)	1	0	1
Não se classificou	0	0	0
Total	6	12	18

Fonte. Fichas de inscrição, 2005-2006.

Ainda sobre o número maior de meninas no grupo, para eles e elas o número maior de mulheres pode ser entendido de acordo com as falas que a gente coletou no material. A fala de um dos rapazes foi “... nós [meninos] temos que trabalhar (...), não dá para ficar em projeto”. Outra jovem informa “...estamos muito preocupadas com a perda dos nossos amigos”; “aqui no bairro, morrem muitos jovens; a gente tem medo de sair...”. Uma terceira jovem comenta “os homem batem muito..., são muito violentos com as mulheres..., queríamos entender por que eles são assim”. Essas falas que justificavam o interesse das meninas em participar, e mesmo dos meninos para justificar porque o menor número era importante para gente pensar. Por isso nós resolvemos manter na mostra a realidade que identificamos e encontramos entre os interessados de participar da pesquisa. Ainda sobre o perfil dos jovens selecionados, 12 vivem em famílias com renda familiar mensal de até um salário mínimo, seguidos de 5, cujas famílias recebem entre 1 e 3 salários (1 dos jovens não soube responder). A realidade daqueles jovens refletia a realidade social-econômica da maioria dos moradores daquela área com pouquíssimas exceções. Nesse quadro todos eram estudantes do segundo grau – 1º ano (3 jovens); 2º ano (12 jovens) e 3º ano (3 jovens).

A maioria dos selecionados moravam no bairro do Boiadeiro, Novos Alagados, no Cabrito, todos do Subúrbio Ferroviário, dentro do território de Plataforma. Essa área em azul é o local onde nós nos reunimos, onde funcionava o CoeQuilombo, espaço que foi cedido pela Paróquia de Plataforma.

Um outro desafio que a gente se colocou, muito em função das narrativas dos jovens e no estabelecimento das relações que eles tinham era a ausência de funções a outros lugares que não fossem os espaços do próprio bairro. Muitos daqueles meninos - hoje já adultos – nunca tinham saído para locais mais distantes do Subúrbio Ferroviário. Isso para mim era algo que me inquietava, me incomodava muito porque eu acredito que uma coisa que nos constitui enquanto pessoa são os deslocamentos que a gente faz pelo mundo. O que me chamava a atenção era a questão do não deslocamento no espaço, de não ter acesso a outros locais de Salvador, inviabilizando o contato com outras realidades. Se eu não conheço outras realidades, eu fico restrita na minha sensibilidade. Uma ação que a gente fez naquele momento foi de tentar construir caminhos, linhas de deslocamentos desses jovens por outros espaços na cidade, espaços que possibilitavam o contato com jovens que estavam discutindo também a questão de gênero. Nós fomos ao Ceafro, a Universidade Federal da Bahia, fomos ao centro de pesquisa, na época, de Documentação da Bahia, que funcionava na Fundação Clemente Mariani, e eles tiveram contato com vários pesquisadores nesses locais e pesquisadores que foram até lá para construir outras discussões com esses jovens.

Então, estávamos, efetivamente, naquele momento querendo produzir uma pesquisa não só com olhar do pesquisador, à distância, mas a gente queria que eles também produzissem pesquisas, que eles pensassem sobre a realidade deles e, para tanto, a gente compreendia que era importante ter acesso a outras referências de realidade para que eles pudessem olhar e questionar mais criticamente. Não sei se efetivamente funcionou, mas eles puderam ter outro olhar mais crítico sobre a realidade na qual estavam imersos.

Conforme comentei, existia uma abordagem interdisciplinar da estrutura em dois eixos dos encontros regulares da pesquisa social realizada pelos jovens. Trabalhávamos com um grupo operativo que é uma orientação do campo da psicologia social, porque sabíamos que tocaríamos em questões extremamente delicadas e difícil de serem olhadas de forma mais próxima. Olhar de longe os dados é um método, um tipo de narrativa, da macronarrativa, mas a gente estava querendo se aproximar das micronarrativas produzidas pelos sujeitos. A gente abordou violência, relação

de gênero no ambiente da casa, no ambiente da rua, na relação entre os amigos, entre o companheiro e, para tanto, fomos buscar esse aporte da Psicologia Social para a gente saber como lidar com situações problemas que a gente sabia que ia aparecer, como apareceram diversas, que não foram nada fáceis de lidar, pois é o plano da subjetividade, das inquietações do sujeito. Então a gente trabalhava com as pessoas, ouvindo o que elas tinham a nos dizer, nos colocando no lugar de ouvinte. A prática da pesquisa, do conhecimento e da transformação social era o nosso programa, os módulos foram organizados dessa forma, porque tínhamos questões norteadas e organizadas para orientar a nossa discussão com os jovens em seis módulos. No primeiro módulo, foi feito um curso de formação de conceito básico elementar de como trabalhar e de como produzir pesquisa. Tinha um historiador que fez todo esse trabalho de orientação, mostrando como os meninos e as meninas trabalhariam com diversos documentos: fotografias, jornais, legislação. No módulo de pesquisa, a gente orientou os jovens a trabalharem com esse universo do trabalho da pesquisa. Então, esse era o desenho que a gente fez para poder orientar o trabalho do grupo, elaboração de um plano de trabalho, levantamento bibliográfico clássico, que a gente faz em qualquer trabalho de pesquisa. Em uma segunda etapa, os jovens foram redistribuídos em pequenos grupos responsáveis pela produção e coleta dos dados, mapeamento cognitivo. Hoje, prefiro chamar de cartografia social, pois eu acho que é um instrumento muito interessante e importante para a gente pensar a realidade das grandes cidades, pensar no plano do território. Foi muito bacana quando o grupo começou a caminhar pelo bairro e a delimitar os espaços do próprio bairro, a partir de questões que, aparentemente, são extremamente subjetivas, que jamais conseguiria ser postas no mapa, por exemplo: o espaço dos homens, o que é interdito, onde é interdito a presença feminina no bairro.

Trabalhei por muito tempo em plataforma, mas antes desse trabalho e mesmo nesse trabalho a mim era interdito entrar nos barcos. É uma região de enseada, que ainda tem a prática da pesca e eu nunca consegui entrar nos barcos. Então, tinha os espaços que eram interditos aos homens e os espaços que eram interditos às mulheres. Todos os dias, quando chegava no bairro, eu descia um caminho e tinha um grupo de jovens, só de meninos, e eu ficava muito sedenta de chegar até aquele grupo de rapazes e trocar ideias, entender como o cotidiano deles era produzido naquele espaço, onde eles estavam todos os dias, mas nunca consegui.

A estratégia que a equipe adotou foi: nós temos uma equipe de meninos e meninas, então vamos usar essa estrutura que nos interdita, que nos afasta, para nos aproximar. Tínhamos rapazes no grupo e eles abriram portas para que a gente

pudesse se aproximar desse universo só dos homens. Então, usamos essa estratégia da cartografia, do mapeamento cognitivo, com essa referência, para pensar os espaços de sociabilidade no bairro, os espaços dos velhos, das mulheres, dos homens, os espaços de lazer do homem e da mulher. Que momento esses espaços se cruzavam? O que possibilitava que existissem espaços, lugares que fossem permitido, tanto para os homens quanto para as mulheres?

Durante seis meses, um grupo desses jovens vinha todos os dias à Biblioteca Pública do Estado da Bahia para fazer trabalho de levantamento nos jornais; no Jornal A Tarde, de julho de 2005 a julho de 2006. A provocação que nós fizemos aos jovens ou o olhar que a gente estava sinalizando, o que a gente queria pesquisar nos jornais era como o Subúrbio Ferroviário aparecia nos meios de comunicação, no caso no Jornal A Tarde. Qual era a imagem? Qual era a representação que o subúrbio tinha? Ou qual a representação que o Jornal A Tarde fazia e faz do subúrbio e das pessoas que vivem no Subúrbio Ferroviário? E esse foi o resultado que o grupo produziu depois desse tempo de pesquisa.

340 jornais consultados;

43 notícias associadas ao Subúrbio Ferroviário;

Temas:

- 1) Violência - 26
- 2) Lazer - 04
- 3) Mobilização social - 04
- 4) Acidentes - 03
- 5) História do Bairro - 02
- 6) Infraestrutura - 02
- 7) Direitos Humanos - 01
- 8) Divisão Social - 01
- 9) Política - 0

Essa era a forma, nesse período estudado, que o Subúrbio aparecia e eles tentavam pensar dentro desse universo. Vou apresentar algumas narrativas, algumas falas em relação à pesquisa com os jornais, como essa da Solange, de 30 de agosto de 2006.

Para algumas pessoas fazer o trabalho de pesquisa nos jornais foi um pouco desconfortável, mas com o passar do tempo, foram começando a gostar da leitura. Além disso, ajudou muito a ver como o Subúrbio é discriminado. São poucos os

jornais que falam sobre o lado positivo do Subúrbio, e estes poucos só relatam o lado negativo, quer dizer, só passam a violência. É muito raro retratar os bons momentos, as festas, as manifestações culturais etc.

Eu estou apresentando da forma como eles registraram. A gente fez uma sugestão em um dos nossos encontros com os jovens que era para eles falarem da questão de gênero como eles entendiam a relação de gênero e como viam a violência no formato de fábula. A gente entendia que isso iria possibilitar que as pessoas falassem questões e que se eu dissesse estou falando de minha mãe, porque vi isso no meu vizinho, seria muito difícil, constrangedor e muitas coisas não sairiam e a gente não teria registrado uma série de acontecimentos da realidade, da experiência deles, a exemplo dessas:

Me contaram que tinha uma mulher que usava drogas e pegaram ela no elevador e estupraram... (uma jovem)

Era uma vez, uma mulher que cozinhava... tudo direitinho. No dia em que ela não cozinhou, o marido a arremessou contra a parede, ela bateu a cabeça e morreu... (uma jovem)

Era uma vez um marido alcoólatra que batia na mulher. Um dia, ela foi se defender e empurrou ele; ele bateu a cabeça e morreu. Ela pegou nove anos de prisão... (uma jovem)

Então, essa estratégia de fabular a realidade foi muito promissora, para trabalhar com esse método de aproximação com a narrativa e no plano da subjetividade. O que eu estou apresentando e afirmando é que existem várias formas de se aproximar dessa realidade e nós escolhemos esta, o que foi desafiador. Então, a gente foi criando, ao logo do trabalho, experimentando vários mecanismos, várias estratégias. A gente foi tentando, também, ajudar esses jovens no exercício da escrita histórica, de deixar registrada a experiência de vida deles e das pessoas que viviam junto a eles. No caso específico das relações de gêneros, nos escritos surgiu "...eu pensava que gênero era simplesmente um dos assuntos de português, não sabia que ele tinha tanto significado".

Achei que era fundamental trazer isso e, essa semana, discutindo com alguns amigos porque não tivemos a aprovação pelo Congresso Nacional do Plano Nacional de Educação, no tocante à inserção do tema gênero. Quando eu me bato, eu penso: "poxa, no ambiente da escola, onde seria um espaço propício para a gente discutir essas questões, a gente não discute". Não estou falando de ações individualizadas,

estou dando o exemplo do Plano Nacional de Educação. Nesse sentido, quando trago a fala de uma menina que relata: “eu pensava que gênero era só simplesmente um assunto de português”, é para sinalizar a importância de estar trazendo, para o ambiente da escola, para o ambiente da sala de aula, discussões como essa, porque se não vamos estar formando jovens, pensando que gênero é só um assunto de português. É também gênero literário, gênero gramatical, mas existem outras coisas. Ao trabalhar em grupo, o conceito de gênero, eu pude observar a maneira pela qual podemos perceber os nossos comportamentos enquanto mulheres e homens na nossa sociedade, compreender os problemas que encontramos na nossa vida, na família, na escola, na sociedade de um modo generalizado.

Quero relatar uma experiência que vivi, em que pude perceber o quanto relações de gênero não estão tão distantes da nossa realidade. As condutas do que é ser homem e ser mulher vão sendo impressas, forjadas na nossa formação. Uma coisa muito singela, aparentemente, sem muito significado, mas que sinaliza para a forma desde quando nós somos muito pequenos no espaço da nossa família, no espaço de nossa vizinhança. Esses papéis sociais de gênero são estabelecidos e são impressos numa perspectiva de modelo que se quer hegemônico, mas na realidade social há coisas muito mais complexas que estão acontecendo a todo o momento, porque a realidade é múltipla e a nossa experiência humana é diversa, as culturas são muitas. Então, se a gente pensa a cultura de um grupo indígena, a forma como se estruturam os seus modelos, a lógica que norteia as relações entre homens e mulheres e família, por exemplo, é diferente da nossa. É difícil de lidar, pois a gente tem uma tendência de achar que a nossa cultura, que o nosso valor, que o nosso modelo, que a nossa forma é a única e, de preferência, a forma correta, mas o que é uma forma correta? Que é uma forma certa? É do meu ponto de vista, e o desafio é como se relacionar com outros pontos de vista; como eu entendo, sem abrir mão de quem sou ou negociando quem eu sou, para que eu possa ser outras coisas também. Em outra narrativa, podemos observar:

Antes do projeto, eu não sabia especificar o que era violência e masculinidade direito. Mas depois do projeto vi que, diferente do que eu pensava, não existe só uma forma de violência, que é física, mas também existem outras como a verbal, estrutural, social e psicológica. Também vi que a masculinidade não está só ligada ao homem, mas também pode estar ligada à mulher (uma jovem).

Era uma contradição, entendendo que o gênero é relação, é produção, é reconstrução, se trabalhássemos e olhássemos apenas de uma perspectiva a masculinidade, que

se dá em relação à feminilidade, a presença feminina ou esses múltiplos lados. É fundamental para a gente ter o mínimo de proximidade com a complexidade do que orientava a vida daqueles jovens e de muitos jovens hoje e sempre.

A sexualidade foi uma questão que ganhou uma dimensão muito grande no trabalho; era uma questão que a gente, inevitavelmente, falava, no plano biológico, também sinalizava para os elementos que nos caracterizam, biologicamente, enquanto homem e enquanto mulher. A gente está pensando o gênero enquanto processo, construção, resultados das relações culturais nas quais a gente faz parte. Esse plano da discussão sobre a sexualidade foi um dos momentos onde a gente precisou parar tudo e dizer “a gente precisa dar uma atenção a isso, esse é um gargalo, é um nó que a gente vai precisar mexer”. Não ia se esgotar, não se esgotou, mas deu muita discussão e muitos escritos por parte deles e por parte de nós também. Um dos resultados dos nossos trabalhos foram artigos e reflexões, tomando como ponto de partida a sexualidade desses jovens. Uma das falas indica:

Eu tenho cinco irmãs... Quando eu era pequena, eu tinha nojo, não falava com as lésbicas, minhas irmãs jogavam bola com elas... Eu não conseguia entender... Elas bebiam água... Eu tinha nojo... Hoje, eu respeito mas não concordo... Eu achava que Matheus era nome de veado, porque na rua tinha muito Matheus que era veado... Hoje, eu não tenho preconceito mas não concordo... Senão Deus não fazia o homem e a mulher.

Eu achei isso muito rico. Você começa associar a escolha sexual, a sexualidade do sujeito, você já atribui a uma nomeação. Todos os Mateus ele achava que era veado, porque todos que tinham na rua dele eram vedados. Só para finalizar, nesse sentido, comento a força e a coragem que ela teve naquele momento e outras falas mostram isso, que é como a gente está atravessado pelo que a gente denomina de homofonia, que é horror às pessoas que têm relacionamento sexual com pessoas do mesmo sexo. A gente ficou impressionado, eles eram muito jovens e, ao mesmo tempo, não era de se impressionar, porque estamos todos inseridos nessa sociedade e é importante a gente pensar de que forma nos posicionamos nessa sociedade como a gente pensa. Observem a fala “hoje eu não tenho preconceito, mas não concordo... Senão Deus não fazia o homem e a mulher.”.

No final, a gente volta para o plano de toda essa discussão do gênero. Eu tenho certeza que está muito no campo da reflexão do que é natural e o que é cultural; do que é dado e do que é construído, o que vem do plano do Divino, do que vem do plano biológico, ou seja, nascemos, assim, homens porque temos pênis e mulher

porque temos vagina, então nosso destino é a reprodução; a ideia da sexualidade quanto ao exercício para a reprodução. No final da fala, ela articula essas duas dimensões.

Ainda sobre a homossexualidade – a atração de uma pessoa do mesmo sexo – e homofobia, que posso chamar de doença, é o que pessoas têm ao ver um homossexual na rua e sentirem vontade de matá-lo, humilhá-lo, saltar piadas desagradáveis como se estivessem falando com um rato. Nessa narrativa – “antes, eu assumo, era muito preconceituosa; hoje, eu aprendi a lidar e respeitar as vontades do próximo, seja por que for não desmerecendo por nada” – onde há uma tentativa de pensar e, mesmo se colocando como não preconceituosa, se você lê nas entrelinhas o pensamento, no fundo, a visão permanece.

A gente não concluiu o trabalho. A pesquisa e a relação com os jovens iludidos de que a gente tinha feito uma mudança radical no pensamento deles, mas não mesmo; a gente criou algumas provocações. Eu quero voltar à questão da polícia, porque a questão da honra, da humilhação era algo que parecia de forma muito grande era um desafio, porque chegavam demandas que não eram no plano do pensamento. Eles queriam saber o que podiam fazer, pois não queriam viver mais aquela humilhação por parte da polícia, mas nós não tínhamos esse poder, o projeto não tinha essa pretensão, o que a gente queria era criar um espaço para pensar junto com eles, para ouvi-los, para se aproximar, tentar criar uma vontade de ver de outras formas. A questão da polícia eu retomo, porque acho essa fala muito forte, muito interessante.

Meu irmão trabalha numa serralheria em Pirajá. Todos os dias ele vai e volta andando e passa por um local que é muito perigoso. Quando ele vinha de volta para casa, já era tarde e encontrou uma blitz policial e ele estava sem documento. Os policiais pararam e o colocaram dentro da viatura e começaram a rodar por várias delegacias. Um policial falava: ‘deixa o cara!’, o outro dizia: ‘o que você tem pra mim?’ Depois de rodar tanto, eles levaram o salário de meu irmão, já era tarde e minha mãe já estava preocupada. Deixaram ele sem dinheiro, perto de Mirante de Periperi, ele teve que voltar andando para casa (...) Meu irmão perdeu o salário do mês e, hoje, todo mundo que ele está devendo fica cobrando.
Erika, 2006.

“Minha Semana Santa foi boa”, Cláudia fala com ironia. “No primeiro dia de aula, eu vi uma cena muito marcante: os policiais subiram no morro e pegaram os meninos para extorquir dinheiro”. Os finais de semana eram sempre tensos para eles;

quando a gente voltava de um feriado prolongado as histórias eram muitas, sempre muitos relatos desse confronto com a polícia. Trabalhei durante um tempo no Bairro de Periperi, no bairro de Paripe, no bairro de Alto de Coutos, Plataforma, e fui registrando, compondo um acervo grande de entrevistas nas minhas preocupações com a violência policial, registros que falavam dessa humilhação. Então, essas falas vinham e eram assustadoras, porque a gente não tinha como minimizar o efeito subjetivo que uma ação dessa causava. A gente trabalhava, discutia, em alguns casos orientamos encaminhar para o Ministério Público, mas nossa questão era perceber como aquilo atravessava a formação daqueles jovens. A gente vive numa sociedade que diz que o homem tem que ser forte, o homem não chora, o homem tem que ser o provedor, então era como se a honra fosse afetada. Acho que isso nos ajuda a pensar, porque estamos vivendo alguns endurecimentos e acirramentos da violência no Brasil, e ainda estamos vivendo toda essa realidade; nada disso é novo, mas depois de oito anos passados o projeto é para pensar que a gente precisa atuar e investir.

Uma fala que acho bem bacana é de um menino que todo mundo achava que ele era muito descolado e tinha uma liderança dentro do grupo; ele falava assim: “eu brigava de monte com os caras de outras gangues de piche, por nada negro contra negro, tolice! Hoje eu evito ao máximo para que isso não aconteça”. Porém, mais uma vez, a violência ainda é um recurso. Era uma forma de se posicionar no mundo e essas tensões de forma de ver estavam ali presentes nos encontros que a gente fazia. Essas tensões, essas contradições, esses conflitos, a gente estava lidando no ambiente de trabalho, era um trabalho que tinha essa dimensão da intervenção, da discussão. Como para a universidade era um projeto de extensão e um projeto de pesquisa, eu estava etnografando aquela dinâmica, produzindo um acervo documental, de fotografias, de recorte de jornais, de registro de audiovisual e todo esse material está armazenado e parte dele está disponível em um site chamado de Memórias Suburbanas <http://memoriassuburbanas.wordpress.com/>.

Esses jovens, que nós formamos como pesquisadores, participaram dessas discussões, foram observados, a gente etnografou aquela dinâmica, eles continuaram, alguns deles trabalhando com a equipe em um outro trabalho que era sobre as memórias das lideranças do subúrbio ferroviário, nos anos de 2010, 2011. Esse período nos possibilitou acompanhar a trajetória desses jovens que a gente havia trabalhado em 2005, 2006 e em 2007. A gente ainda ficou junto com eles, mas já não tinha recursos para manter o grupo, mas estávamos lá os acompanhando; formaram um grupo de trabalho, que eles chamavam Comando de Jovens Contra a Violência. Permaneceram juntos durante um tempo, depois o grupo

foi se dissolvendo. Então, com esse trabalho da memória suburbana, a gente pôde tê-los próximo, porque eles ainda trabalhavam na pesquisa, no levantamento, na indicação das lideranças. Era uma forma de continuarem exercendo conhecimento com a pesquisa que nós tínhamos construído ao longo daquele ano. A gente registrou que, no período de 2010, 2011, muitos daqueles jovens tinham entrado na universidade, alguns fazendo curso de pedagogia, história, artes plásticas, enfermagem e nutrição. Se eu não me engano a trajetória seguiu ao casamento; muitos deles, hoje, são casados e têm filhos, os filhos já com 4, 5 anos, outros se inseriram no mercado de trabalho, na área de serviço e comércio. Tem uma menina, Kátia, nós a encontramos, recentemente, há um ano, ela estava trabalhando em um salão e foi engraçado ela falar que não se deixava enganar pelo patrão, que preferia abrir mão do trabalho a ter um horário que a colocasse como “escrava”. São falas que marcaram o posicionamento de alguns desses jovens diante de outras redes que eles foram acessando após o final desse trabalho.

Acho que esse foi o grande resultado desse trabalho. A grande aquisição que a gente teve foi ver que, de alguma forma, em algum nível, as discussões que a gente produzia ou provocou para que fossem produzidas durante aquele período surtiram na vida daqueles jovens. E dizer mais, o quanto a experiência de trabalho com eles nos afetaram, tanto eu quanto aquelas pessoas que eram parceiras nesse trabalho. Esse é o meu olhar a partir do que foi vivenciado naquele momento.

O jornal mural a gente circulou três números no bairro de Plataforma, pois tínhamos uma pretensão de produzir um material didático com o resultado do trabalho; a gente escreveu esse material, mas não conseguimos editora para publicar, porém nosso desejo era transformar todo aquele material em material didático, coisa que não aconteceu, mas aconteceu o projeto memória dos movimentos sociais, que a gente trabalhou a década de 1970-1980; eu participei com mais dois parceiros que já estavam neste trabalho: um pedagogo e uma historiadora, Aroldo e Ediane respectivamente.

No link <http://memoriassuburbanas.wordpress.com/> tem parte dessa história e parte da história dos movimentos sociais; tem a entrevista com as lideranças que fizemos naquele momento, um quadro de referências de toda a região do subúrbio ferroviário, fotografias, produzimos cinco curtas de 5 minutos cada, que tem falas, entrevistas com algumas dessas pessoas, homens e mulheres, e sobre a história de luta no subúrbio, inclusive de luta contra a ação do Estado, através da polícia, a ação truculenta de alguns da polícia na região.